

O JOGO DO PAU EM BUCOS ATRAVÉS DE NARRATIVAS ORAIS: A FAMÍLIA DE MESTRE ORIDES

LÍDIA AGUIAR*

Resumo: *Neste artigo aborda-se o tradicional jogo do pau, praticado na freguesia de Bucos, concelho de Cabeceiras de Basto. Este jogo, de raiz popular e cariz fortemente nortenho, teve origem numa sociedade eminentemente rural, como arte de defesa e ataque, sendo preservado por dinâmicas familiares e sociais enquanto maestria mantida durante gerações. Subsiste em Bucos a possibilidade de recuperar memórias individuais e de famílias recuando aos anos 40 do século XX, apesar da forte desertificação populacional, fruto de sucessivas vagas migratórias. Foi possível verificar-se, em trabalho empírico, que as memórias de mestres e aprendizes do jogo do pau se mantiveram através de estratégias de união e transmissão familiar. Pretende-se, então, observar a importância desta tradição, património cultural intangível, ao nível dos indivíduos seus praticantes e relação com as dinâmicas familiares de Bucos, e qual o seu contributo para a respetiva salvaguarda sociocultural.*

Palavras-chave: *Bucos; Cabeceiras de Basto; Jogo do pau; Dinâmicas familiares; Mobilidades populacionais.*

Abstract: *This article discusses the traditional game of the stick, practiced in the parish of Bucos, municipality of Cabeceiras de Basto. This game, of popular roots and strongly northern character, originated in an eminently rural society, served as an art of defence and attack, is now preserved by family and social dynamics as a mastery to be maintained from generation to generation. In Bucos, the possibility of recovering individual and family memories remains, going back to the 40s of the 20th century, despite the strong desertification as a result of successive migratory waves. It was possible to verify, through empirical work, that the memories of teachers and apprentices of the game of the stick allowed to maintain the union and family transmission. It is intended, then, to observe the importance of this tradition, intangible cultural heritage, at the level of its practitioners and how it relates to family dynamics in Bucos. It also aims to investigate their contribution to the respective sociocultural safeguard.*

Keywords: *Bucos; Cabeceiras of Basto; Game of the stick; Family dynamics; Population mobility.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, aborda-se a história do jogo do pau e as suas origens, no concelho de Cabeceiras de Basto e, mais em concreto, na freguesia de Bucos, onde esta tradição se conserva. Constata-se, através das narrativas orais recolhidas em entrevistas locais pelo autor, como ainda se mantém uma memória individual e coletiva bem presente nessa comunidade. No entanto, verifica-se que tal como era outrora utilizada, como arte de defesa/ataque, até aos anos 30/40 do século XX não é mais possível concretizá-la. Conclui-se, então, estar perante a necessidade

* CITCEM; ISCET. Email: lidia-aguiar@hotmail.com.

de se vir a proceder à patrimonialização deste bem cultural imaterial próprio, num quadro de reinvenção da tradição, em sua ancoragem histórica, para que lhe seja reconhecido o devido interesse cultural, histórico, e, assim, garantir a sua preservação e divulgação.

Como ilustração, apresenta-se o caso paradigmático da família de Mestre Orides Oliveira, enquanto exemplo elucidativo de manutenção e transição de uma tradição de geração em geração, e também como evidência de que as dinâmicas familiares são de grande importância para a salvaguarda desta modalidade de património cultural.

1. O JOGO DO PAU EM BUCOS: MEMÓRIA SOCIAL E COLETIVA

A freguesia de Bucos, paróquia denominada S. João Batista de Bucos, integra o concelho de Cabeceiras de Basto, distrito de Braga, estendendo-se por uma área aproximada de 16,5 km², com cerca de 550 habitantes, segundo os censos de 2011.

Geograficamente, situa-se nas fraldas da serra da Cabreira, sendo que a população sempre teve a sua atividade económica ligada à pastorícia do gado bovino, caprino e ovino. A agricultura praticada era meramente de subsistência, para que nada faltasse ao sustento da casa e da família¹.

Segundo o informante Eng.º Joaquim Barreto², esta tipologia de jogo do pau está muito associada ao mundo rural das aldeias do interior norte de Portugal e aos seus pastores.

Encontra-se as raízes históricas deste jogo nas aldeias do interior norte ligadas ao pastoreio e à proteção dos pastores, uma vez que não existiam armas de fogo. Os pastores tocavam os seus rebanhos e defendiam-se dos animais bravos com o pau. Na aldeia os homens andavam sempre com o pau ou varapau e com decorrer dos tempos na ida às feiras o pau tornou-se indispensável. Era nas feiras que se fazia os ajustes de contas, como desavenças familiares, problemas de consortes de águas e outra qualquer quezília, onde o pau se tornava arma de arremesso e defesa poderosa, sendo quem melhor o manejava e o grupo que o acompanhava reconhecido pela comunidade pela sua força e valentia. Chamava-se varrer a feira e era certo por vezes existir algumas cabeças partidas³.

Estes varrimentos de feira e o uso do pau como arma para resolução de quezílias pessoais em festas e romarias terminam nos anos 30/40 do século XX,

¹ FERNANDES, coord., 2013: 13-29.

² Presidente da Assembleia Municipal de Cabeceiras de Basto e Deputado da Assembleia da República.

³ Eng.º Joaquim Barreto. Cabeceiras de Basto. Entrevista vídeo gravada não editada (21/10/2020).

com a intervenção da guarda, confiscando esta arma tão simples, mas que permitia a qualquer bom jogador enfrentar o mais duro adversário, fosse qual fosse a arma que este usasse⁴.

O reputado etnólogo Ernesto Veiga de Oliveira⁵ corrobora todas as informações precedentes, quando afirma que o homem do campo não possuía armas de fogo, utilizando o pau como utensílio nas suas lides agrícolas e de pastoreio, bem como arma de defesa que aprendia a manejar desde tenra idade. No Norte, os homens saíam de casa munidos com o seu pau, prevenidos para qualquer encontro fortuito, ou alguma *espera* no caminho. Enquanto caminhavam a pé, o pau seguia na mão deitado, porém, se a jornada era a cavalo, o transporte da arma era feito debaixo de uma perna.

Ainda segundo o mesmo autor, era sobretudo nas feiras e romarias que se desencadeavam grandes rixas, onde como pretexto servia uma qualquer provocação. O desafiante levantava o pau, enquanto o desafiado respondia: «Eh amigos; é agora!!!» Logo dos dois lados se juntavam os respetivos grupos, lutando entre si. Era o *varrer da feira*, uma verdadeira batalha campal, onde no meio da poeira só era possível ouvir os gritos das mulheres que fugiam espavoridas. Não existiam limites, quase sempre terminando com vários homens ensanguentados e de cabeça rachada no meio do terreiro. Apenas um código de conduta nunca era ultrapassado: não se atacava inimigo que não tivesse pau na mão⁶.

A aprendizagem e o domínio destas técnicas do jogo do pau conseguiam-se junto dos jogadores mais consagrados da região. Para Oliveira⁷, estes mestres nunca ensinavam a designada *última ponta*, ou seja, certos golpes de defesa e contra-ataques rápidos. Estes ensinamentos guardavam para si, pois alongavam o tempo de aprendizagem, sentindo-se mais protegidos, pois não eram raras as vezes que das suas escolas surgiam novos e muito capazes jogadores.

A intervenção da guarda nas feiras e romarias e a desagregação da sociedade campesina fruto da abertura do mundo rural à urbanidade, pela influência de várias vagas migratórias, contribuíram para o esmorecimento da prática, especialmente no Minho, muito embora os migrantes a levassem um pouco a todo o país⁸.

A aldeia de Bucos, de clima muito agreste, extremamente frio no inverno e com verões escaldantes, transforma a vida de pastores e agricultores numa árdua e dura tarefa. Como se constatou nas entrevistas realizadas, muitos dos seus habitantes, exímios jogadores do pau, partiram rumo à emigração, não pela fome, ou falta de casa, mas na busca de melhores condições de vida.

4 RUSSO, 1980.

5 Ex-diretor do Museu de Etnologia de Lisboa. OLIVEIRA, 1984: 1-2.

6 OLIVEIRA, 1984: 1-2.

7 OLIVEIRA, 1984.

8 OLIVEIRA, 1984: 1-2.

Segundo Hopfer⁹, o jogo do pau era habitualmente exercitado nos pátios e quintais de Lisboa, por jovens ordeiros e trabalhadores, contrariando a ideia da burguesia de que esta prática indicava a presença de criaturas pouco recomendáveis.

Estes jovens eram na sua maioria provincianos chegados do Minho e outras regiões do Norte que tinham um gosto especial pela prática deste exercício, tendo já praticado nas suas regiões de origem, onde era muito prestigiado. Nestes pátios e quintais, que o autor refere ter frequentado, até entrar no Real Ginásio Club Português, nunca verificou qualquer desacato. O mesmo autor regista, sim, um elevado respeito aos mestres e a todos os seus ensinamentos¹⁰.

Em ambiente urbano, a arte altera-se bastante. Torna-se um desporto de ginásio, sujeito a regras, por consequência muito mais disciplinado. Para Russo¹¹, é possível afirmar a existência de duas escolas: a do Sul e a do Norte, sendo que esta última mantém as suas características de um jogo rude, mais viril, característica das zonas montanhosas ligadas ao pastoreio, apesar de atualmente também ser um jogo para entretenimento e espetáculo.

Os referidos fluxos migratórios, que se estima ascenderem a mais de 70% do total da população de Bucos, encontram-se em várias regiões de Portugal, Brasil e na Europa. Vieram a ter grande influência no declínio da arte do manejo do pau, mas a dinâmica dos mestres caceteiros que permaneceram na sua terra natal e dos seus descendentes tornou possível passar esta prática até às gerações atuais, mantendo-a viva na memória social de toda a população de Bucos.

Todas as comunidades possuem um passado histórico, de maior ou menor densidade, mas que lhes incute de certa forma uma determinada consciência social. Da ação de cada um, juntando o entrelaçar dos múltiplos passados individuais e/ou plurais com as suas diversas projeções sobre o futuro, emerge o que podemos designar de memória social, fundamental suporte à vida coletiva.

A memória é essencial ao ser humano, já que ele vive em função do que se recorda, não conseguindo ter existência plena sem memória. É através dela que ele se insere na sociedade e ganha a sua identidade, podendo, pois, dizer-se que memória e identidade são duas realidades indissociáveis¹².

A memória individual forma-se quando cada indivíduo se revê no seu grupo (familiar, social, regional...), com maior ou menor intensidade, com um elevado grau de tensão ou, ao invés, de uma forma pacífica. Daqui decorre que a recordação necessariamente envolve vários indivíduos, evocando a sua recordação como verosímil, através do recurso à comparação com as recordações dos diversos

⁹ HOPFER, 1924.

¹⁰ HOPFER, 1924: 14.

¹¹ RUSSO, 1980.

¹² FERNANDES, 2002: 28.

sujeitos. Por consequência, as diversas narrativas desde que coincidentes tornam-se uma memória social¹³.

Saliente-se que cada indivíduo tem como suporte da memória o grupo social em que se insere, sustentando-se assim que cada ser humano se deve apoiar na memória do grupo¹⁴. Esta memória social é que permitirá situar os acontecimentos no espaço e no tempo, já que ela própria foi influenciada por estes dois elementos, sendo transmitida através das narrativas orais¹⁵.

Constatando-se que o jogo do pau é uma técnica de ataque/defesa, implicando sempre a presença de dois ou mais jogadores, por consequência, as narrativas de memórias só poderão ser válidas na medida em que os indivíduos se integrem na comunidade para recordar. Ou seja, uma memória individual necessita sempre do outro para reviver, já que cada lembrança pessoal se articula com as lembranças do grupo social, criando assim uma cadeia onde se articulam recordações recíprocas. Daí que não existe um vazio cultural, já que a memória social propicia a que cada indivíduo tenha uma visão comum sobre o meio onde decorreu a ação narrada¹⁶.

Neste pressuposto conceptual e atendendo ainda a que a linguagem é um meio por excelência de expressão da memória, recorreremos aqui a um conjunto de narrativas selecionadas neste contexto para tentar entender e evidenciar como antigos jogadores do pau se posicionam na sua relação com a comunidade de Bucos, onde nasceram e vivem, tornando-se agentes da construção de uma identidade social.

Eu emigrei logo depois da tropa. Se cá tivesse ficado, não tinha abandonado a prática do jogo, mas agora estou velho, já não tenho saúde. Mas o meu primo e os filhos ainda praticam e eu vou sempre ver.

Era uma atividade que eu sempre gostei de praticar. Além de conviver com os colegas, era um bom meio de defesa. Foi uma boa escola de vida¹⁷.

Este jogo, tal como refere o Sr. Fernando Lima, não era encarado como um mero desporto. O tempo passado nas montanhas com os rebanhos tornava-se menos pesado quando, com os companheiros de pastoreio, jogavam o pau e se treinavam para qualquer eventualidade perigosa ou mesmo fatídica que lhes ocorresse. Os treinos semanais eram encarados como uma forma de se desenvolverem nesta arte, bem como a única forma de passarem algum tempo agradável com os amigos.

¹³ CATROGA, 2016: 12.

¹⁴ HALBWACHS, 1968: 101.

¹⁵ DURKHEIM, 1967: 50-55.

¹⁶ CATROGA, 2016: 13-14.

¹⁷ Fernando Lima, Vila Boa de Bucos. Entrevista vídeo gravada não editada (23/10/2020).

A referência a esta prática cultural como um bom meio de defesa e uma escola de vida verificou-se ser uma constante nas narrativas dos nossos informantes.

Antes de emigrar, eu era agricultor. Ia todos os dias com o meu rebanho para a serra. Lá me encontrava com os colegas e passar um bom bocado a jogar o pau fazia com que o tempo fosse mais ligeiro e até nos aquecíamos¹⁸.

Custódio Henriques Bastos também emigrou para França, mas foi grande jogador do pau. Filho do Mestre Manuel Henriques Bastos, não deixa de salientar que além dos ensinamentos do pai o seu maior professor foi o Mestre Calado filho.

Eu sempre gostei de jogar o pau. Os rapazes da minha idade andavam todos com um pau na mão. Dessa época vivos só estamos dois. Sou eu e o Fernando Lima que foi sempre o meu parceiro de jogo.

É uma tradição que não se devia deixar perder. O meu sobrinho lá vai mantendo a escola, o que é bonito. Quando anunciam uma apresentação, junta-se muita gente. Eu estou sempre lá.

Neste jogo o importante é botar bem os olhos. Logo se fica a saber de que lado vem a porrada [...] eu gostava de jogar [...] mas a idade não perdoa e o coração não ajuda. Mas ainda guardo o meu pau de lódão. É uma recordação para a vida¹⁹.

Como se pode verificar, o Sr. Custódio Bastos só não volta a jogar porque impedido por motivos de saúde. Mas considera de grande importância que os mais jovens mantenham esta aprendizagem. A sua ligação à prática, apesar de, temporariamente, suspensa por ter emigrado, é tão forte que não larga o seu velho pau de lódão. Consegue explicar todas as técnicas essenciais para defesa/ ataque e faz recomendações aos mais novos. No seu entender, este jogo não é só o uso da força, mas a concentração máxima no parceiro e o desenvolvimento de reflexos rápidos.

A gente que vem de fora não sabe o que é o pau!!!

No meu tempo era um pouco diferente.

Por vezes ainda nos aparecia um estranho para nos desafiar quando íamos a qualquer feira. Do nosso grupo era sempre o meu irmão que avançava. Uma vez foi um grande rebuliço, porque desafiaram o nosso mestre, o Calado. Aí foi o meu pai que não deixou jogar. Ai Jesus, é que não sei quem sairia vivo...

Mas esse tal de Barroso não ficou satisfeito e, na feira seguinte, juntou um grupo de homens, todos enganados, pois eram de fora da freguesia, e vieram fazer um ajuste

¹⁸ Fernando Lima, Vila Boa de Bucos. Entrevista vídeo gravada não editada (23/10/2020).

¹⁹ Custódio Bastos, Além do Rio — Bucos. Entrevista vídeo gravada não editada (24/10/2020).

*de contas. O meu pai soube uns dias antes, avisou a guarda que lhes faz uma espera e lhes tirou todos os paus. Foi o que valeu, pois até armas escondidas havia para dar cabo deles, ia ser uma desgraça*²⁰.

Através das memórias do Sr. Custódio Bastos, é possível ter a perceção da gravidade dos acertos de contas, ou varrimentos de feiras referidos anteriormente, dado que este informante viveu presencialmente o acontecimento. A defesa do grupo e em particular do seu mestre indica-nos quanto esta arte era vivida e sentida pela comunidade. Na hora de acerto de contas avançava sempre não o desafiado, mas aquele que do grupo era tido como mais capaz para vencer a quezília.

De memória mais esbatida, dada a sua avançada idade, António Santos, com 94 anos, nascido na freguesia de Bucos em 1926, mas atualmente a residir no Brasil, prestou-nos, via zoom, informações importantes. A família Santos era composta por vários irmãos, todos eles bons jogadores do pau. António Santos jogou durante 17 anos, desde a idade dos 10 anos até aos 27 anos, altura em que emigrou para o Brasil. Revelou-nos ser irmão de Ernesto Santos, um exímio jogador, que partiu para Leiria, onde trabalhou numa grande fábrica, tendo regressado a Bucos quando se reformou. Estes dois irmãos atuaram em Braga no ano de 1945 num espetáculo público a que assistiu António de Oliveira Salazar.



Fig. 1. Da esquerda para a direita: Ernesto Santos e António Santos, Braga 1945

Fonte: Acervo pessoal de António Santos

Essa apresentação oficial desta arte esteve inserida no concurso *A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal*, onde Carrazedo de Bucos terminou em segundo lugar. Para a exibição e elaboração do filme de candidatura contou com o apoio do Governo Civil de Braga, da Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto e da Junta de Freguesia²¹.

²⁰ Custódio Bastos, Além do Rio — Bucos. Entrevista vídeo gravada não editada (24/10/2020).

²¹ António dos Santos. Entrevista em 19/12/2020 via zoom.

Esta memória de António Santos é a primeira que nos refere o jogo do pau como uma maestria não de defesa/ataque, mas, sim, de pura exibição. Pode ser encarada dentro do contexto político-ideológico do Estado Novo, sendo também certo que a partir do final da década de 50 do século XX o jogo do pau, na forma prática e integrada na vivência comunitária, como até então era conhecido, entra em decadência.

Até ao final da década de 40 do século XX, o jogo do pau aqui em Bucos teve o seu apogeu. Por aqui passaram grandes mestres que formaram vários grupos. Era ainda o tempo das feiras e romarias, local onde se faziam os acertos de contas. O jogo tornou-se por isso muito violento, pelo que a GNR teve de intervir. Espetáculo não davam, juntavam-se nos treinos e aí muita gente os ia ver, até porque muitas vezes se pegavam entre eles. É a essência do próprio jogo, em que o objetivo é atingir o adversário. Quando isso acontece sai alguém ferido, normalmente na cabeça, que aqui a nossa prática é atingir essa parte do corpo.

Houve jogadores que fizeram fama com esta arma na mão, a única que existia naquele tempo. Depois muitos emigraram, a intervenção da guarda começou a ser constante e o jogo como prática para acerto de contas decaiu. Dos grandes mestres ainda se encontra vivo o António Santos, que emigrou para o Brasil, irmão do Ernesto Santos, que migrou para Leiria. Reformado e conhecido entre nós por Ti Ernesto, voltou a Bucos, onde se dedicou a ensinar a arte do jogo do pau às gerações mais novas. Foi com ele e com o meu pai que eu aprendi. O Ti Ernesto ensinou várias gerações²².

Este excerto da entrevista do Professor Fernando Oliveira permite redirecionar o olhar sobre o jogo, agora em nova dimensão. Se até certa altura esta maestria era usada como defesa/ataque, no decorrer da década de 40 e início da década de 50 do século XX passou a ser encarada como uma tradição, com o dever de se transmitir de geração em geração, dentro da comunidade. Veja-se o exemplo de *Ti Ernesto*, que, regressado à sua terra natal, logo formou um grupo e se dedicou a formar os mais novos nesta prática.

As memórias individuais aqui expressas indiciam a presença de uma memória social, que se pode reconfigurar numa identidade cultural. Torna-se, no entanto, necessário inseri-las no contexto histórico e compreendê-las nas suas diversas vertentes.

Assim se poderá ter acesso a um vasto conjunto de práticas sociais e culturais que, inscritas na sua historicidade, poderão conduzir à (re)invenção de tradições. Estas alteraram-se com a mudança social, não podendo mais ser as mesmas de quando surgiram e já não será mais possível replicá-las. Deve então atender-se devidamente à história singular desta comunidade rural em transformação

²² Fernando Oliveira, Bucos. Entrevista vídeo não editada (10/10/2020).

reconstituída através destas suas memórias e tradições, práticas rituais e simbólicas, em processo de (re)invenção²³.

Segundo Hobsbawm, as tradições inventadas devem ser constituídas por práticas de natureza simbólica ou rituais, oriundos de normas desde sempre aceites por um grupo social e que procurem transmitir determinados comportamentos, através da repetição, de determinados atos, o que implica necessariamente uma continuidade do passado.

As alterações de um mundo em constante inovação e conseqüente nova estrutura da vida social tornaram a «invenção das tradições» uma noção verdadeiramente interessante, principalmente para os historiadores, que passaram a adicionar ao seu saber a descoberta de novas práticas. Salienta ainda o mesmo autor que todas as tradições inventadas devem ter na sua base a história como fonte de legitimação da ação, usando-a como cimento de coesão entre o grupo.

A tradição do varrer de feiras e ajustes de contas, com as características de que vimos dando conta, transformou-se com o decurso da história e o seu sentido sociocultural foi-se reinventando. Subsiste hoje, na memória individual de todos quantos a vivenciaram e transmitiram, os quais constituem uma comunidade própria e singular, com uma memória coletiva única, que, ao nível local, tentam reinventar a tradição da prática do jogo do pau, hoje sobretudo como atividade histórica e cultural de exibição social identitária e patrimonial.

Nesta sequência, ousamos considerar que se pode estar perante a necessidade de se abrir aqui para um processo de patrimonialização, pois o património permite a atribuição a estas práticas de um significado valorativo que lhes confere o estatuto de suporte de memória e de identidade. Estas mesmas práticas passam a constituir uma herança que a comunidade protege e transmite às gerações vindouras como fator de enriquecimento e coesão.

Esta prática configura-se com as recomendações da UNESCO conforme reconhecido na Convenção para a Salvaguarda do Património Imaterial, documento emanado da 32.^a Conferência Geral das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, realizada a 17 de outubro de 2003, pela qual se deve considerar património imaterial todas as práticas, representações e expressões, entre outros associados, que comunidades e grupos reconheçam como parte integrante do seu património cultural.

Este reconhecimento tem como condição fundamental ser transmitido de geração em geração, mantendo-se em permanência a sua recriação no seio das comunidades, com a autenticidade inerente e sempre com o sentimento de identidade presente.

²³ HOBBSAWM, RANGER, 2012: 28.

Em Portugal, cabe à Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), pelo disposto no *Decreto-Lei n.º 139/2009*²⁴, a coordenação a nível nacional de todas as iniciativas conducentes à preservação do PCI, com diversos eixos de atuação.

Estas candidaturas, por sua vez, devem estar suportadas num estudo científico, inserindo-se na Lei de Bases do Património Cultural²⁵, segundo a qual o património cultural é constituído por todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização. O conhecimento, estudo, proteção, valorização e divulgação do património cultural constituem um dever de todos, assegurando a transmissão de uma herança nacional, cuja continuidade e enriquecimento unirá as gerações num percurso civilizacional singular.

2. ORIDES GONÇALVES DE OLIVEIRA — UM LEGADO DE FAMÍLIA PERPETUADO

Em março de 1980, foi fundada a Associação Desportiva Cultural de São João de Bucos, dedicada à ocupação de tempos livres dos associados, designadamente através da prática de várias atividades, tal como o futebol e jogos tradicionais. A fundação desta associação ficou a dever-se a um grupo de amigos e jovens em que se destacou o Sr. Orides Gonçalves de Oliveira. Com o decorrer do tempo, veio a verificar-se que a atividade que mais atraía os jovens era o jogo do pau.

A Escola de Jogo do Pau de Bucos tem raízes em antigos mestres caceteiros que deixaram o seu legado na freguesia. O Sr. Orides Oliveira e Manuel de Oliveira Urjais, grandes amigos, ambos alunos de grandes mestres, tais como Mestre Calado Filho e Mestre Manuel Henriques Bastos. O informante Professor Fernando Machado Oliveira refere na sua narrativa que, aquando da formação da Associação Desportiva e Cultural São João de Bucos, não existia falta de jogadores ávidos de aperfeiçoarem a sua maestria. Foi desta forma que a Escola de Bucos viveu anos de grande atividade com participações em feiras e romarias e várias deslocações por Portugal e mesmo na Europa, onde eram sempre muito bem recebidos pelas comunidades de emigrantes portugueses.

Mestre Orides Gonçalves de Oliveira nasceu no dia 24 de junho de 1930, como atesta o assento de nascimento do Registo Civil de Cabeceiras de Basto. Natural da freguesia de Bucos, terá ainda vivenciado alguns ajustes de contas e varrimentos de feiras.

Pelos averbamentos do mesmo assento de nascimento, pode-se constatar que veio a casar com Maria Henriques Bastos, no dia 10 de dezembro de 1962, na igreja da freguesia de Bucos, tendo falecido com 86 anos, em 2016, fora da sua terra natal.

²⁴ PORTUGAL. Ministério da Cultura, 2009.

²⁵ PORTUGAL. Assembleia da República, 2001.

Conservatória do Registo Civil/Predial/Comercial Cabeceiras de Basto
Assento de Nascimento n.º 3774 do ano de 2011

Registando

Nome próprio: **Orides *****
Apelidos: **Gonçalves de Oliveira *****
Sexo: **Masculino *****
Hora e data do nascimento: **dia 24 de Junho de 1930 *****
Naturalidade: freguesia de **Bucos *****
concelho de **Cabeceiras de Basto *****

Pai

Nome: **Manuel Gonçalves *****
Idade: *******
Estado: *******
Naturalidade: freguesia de **Bucos *****
concelho de **Cabeceiras de Basto *****
Residência habitual: *******

Mãe

Nome: **Maria de Jesus Oliveira Urjais *****
Idade: *******
Estado: *******
Naturalidade: freguesia de **Bucos *****
concelho de **Cabeceiras de Basto *****
Residência habitual: *******

Fig. 2. Assento de Nascimento

Fonte: Registo Informático da CRCCB

Assento de Nascimento 3774/2011, Conservatória do Registo Civil/Predial/Comercial Cabeceiras de Basto

Averbamento nº. 1, de 2011-05-31
Casou catolicamente com Maria Henriques Simões, em 10 de Dezembro 1962, na Igreja da freguesia de Bucos, concelho de Cabeceiras de Basto. Assento de casamento nº 139 de 1962 da Conservatória de Cabeceiras de Basto. Em 12 de Dezembro de 1962.

Escriturário Superior(a) Fernanda Maria Sousa Teixeira Magalhães, Conservatória do Registo Civil/Predial/Comercial de Cabeceiras de Basto

Cota : Informatização do assento nº 401/1930, lavrado em 22/07/1930, na Conservatória de Cabeceiras de Basto - 2011-05-31

Averbamento nº. 2, de 2016-05-31
Faleceu em 26 de Maio de 2016, na freguesia de Creixomil, concelho de Guimarães. Assento de Óbito nº 89 de 2016 da Conservatória do Registo Civil de Cabeceiras de Basto.

Fig. 3. Averbamento de casamento

Fonte: Registo Informático do CRCCC

Maria Henriques Bastos, sua esposa, era filha de um dos mais afamados mestres desta freguesia, Manuel Henriques Bastos. Como já narrado pelo irmão de D. Maria, o Senhor Custódio Henriques Bastos, seu pai, e Mestre Calado filho mantinham um grupo muito ativo de jogo do pau, em Bucos. Deste grupo, surgiram vários mestres caceteiros, entre eles Mestre Orides Gonçalves de Oliveira.

Com grande maestria para este jogo, entregou-se à dinamização da escola e ao ensinamento desta arte a muitos jovens.

Conservatória do Registo Civil/Predial/Comercial Cabeceiras de Basto	
Assento de Nascimento n.º 1489 do ano de 2013	
Registando	
Nome próprio	Maria ***
Apelidos:	Henriques Simões ***
Sexo:	Feminino ***
Hora e data do nascimento:	dia 13 de Junho de 1935 ***
Naturalidade:	freguesia de Bucos *** concelho de Cabeceiras de Basto ***
Pai	
Nome:	Manuel Henriques Bastos ***
Idade:	28 anos ***
Estado:	***
Naturalidade:	freguesia de Bucos *** concelho de Cabeceiras de Basto ***
Residência habitual:	***
Mãe	
Nome:	Maria Benta Bastos Sanoane ***
Idade:	23 anos ***
Estado:	***
Naturalidade:	freguesia de Bucos *** concelho de Cabeceiras de Basto ***
Residência habitual:	***
Avós paternos:	Avelino Henriques Bastos e Maria Simões ***
Avós maternos:	José António Francisco Bastos Sanoane e Constança Fernandes ***

Fig. 4. Assento de Nascimento de Maria Simões

Fonte: Registo Informático da CRCCB

A tradição que se foi transmitindo de geração em geração mantém-se ainda hoje na família do Mestre Orides. O filho, Manuel Henriques Oliveira, começou a jogar com 16 anos, sendo por largo tempo o parceiro de jogo do seu pai. Hoje, é um dos mestres que mantêm a escola de Bucos ainda viva.

O avô Orides Oliveira ainda sentiria o orgulho de passar a sua maestria ao neto Gonçalo Urjais. Viria a falecer a 26 de maio de 2016.

Falecido Mestre Orides, assume o comando da escola o seu filho Manuel Gonçalves de Oliveira. Em 2016 já a escola começava a esmorecer. Bucos passa a viver também a desertificação demográfica das aldeias do interior e os poucos jovens partem para estudar ou trabalhar nas grandes cidades. Juntar semanalmente o grupo para treinar tornava-se cada vez mais difícil.

Porém, Manuel Gonçalves de Oliveira mantém, com toda a dedicação, a escola ativa. Quando surgem convites para alguma atuação, liga para todos os membros do grupo, que, espalhados pelo país, tudo fazem para voltar à terra natal e participar nas atividades.



Fig. 5. Jogo de caras: Mestre Orides e o filho

Fonte: Espólio de família



Fig. 6. Pancada na cabeça: Mestre Orides e neto Gonçalo

Fonte: Espólio de família

Na linha de geração familiar seguem-no os seus filhos. Pela primeira vez o grupo integrou um elemento do sexo feminino, Inês do Mar Oliveira Urjais, que se iniciou com 12 anos. Lembra-se vagamente do avô Orides, mas é com orgulho que segue a prática deste jogo que se mantém há gerações na família.

Já Gonçalo Oliveira Urjais, que chegou a ser parceiro do avô Orides e joga agora com o pai Manuel, afirma ter este jogo no sangue. Está na faculdade, mas vem a Bucos todos os fins de semana. Não falta a nenhum treino, mostrando-se sempre disponível para dar o seu contributo de modo que esta prática cultural volte a ter a pujança de outrora.

CONCLUSÃO

Neste artigo pretendeu-se demonstrar como o jogo do pau, na freguesia de Bucos, concelho de Cabeceiras de Basto, ainda se encontra vivo, quer na memória individual e coletiva desta comunidade, quer na sua prática ativa e sustentada. Conclui-se que, por isso, se justifica e torna necessário patrimonializar esta maestria, reconhecendo-lhe valor sociocultural e histórico para garantir a sua preservação e identidade comunitária, não como era praticada até aos anos 40 do século XX, pois as alterações sociais do mundo atual já não mais o permitem, mas como uma reinvenção da tradição, devidamente alicerçada na história deste jogo popular, capacitado para se tornar hoje património cultural imaterial, não deixando assim cair no esquecimento uma arte com raízes na comunidade de pastores e agricultores que caracterizou a população de Bucos, antes de se abrir à urbanidade.

Abordou-se, com maior detalhe, o caso da família de Mestre Orides Oliveira, um dos fundadores da atual Escola de Jogo do Pau de Bucos, que conseguiu criar raízes familiares que perduraram até ao presente, mantendo a escola que fundou, sempre em plena atividade. Esta família é a prova de que as dinâmicas familiares se revestem de grande importância para manter vivas tradições que se conservam, transmitem e recriam de geração em geração.

BIBLIOGRAFIA

- CATROGA, Fernando (2016). *Os Passos do Homem como Restolho do Tempo: Memória e fim do fim da História*. Coimbra: Edições Almedina.
- DURKHEIM, Émile (1967). *De la Division du Travail Social*. Paris: PUF.
- FERNANDES, António Teixeira (2002). *Memória e Identidade em Comunidade Autárquica: Arouca na encruzilhada do passado e do futuro*. Arouca: Câmara Municipal de Arouca.
- FERNANDES, Isabel Maria, coord. (2013). *Cabeceiras de Basto: História e Património*. Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto.
- HALBWACHS, Maurice (1968). *La Mémoire Collective*. Paris: PUF.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence, (2012). *L'Invention de la Tradition*. Paris: Éditions Amsterdam.
- HOPFER, Frederico (1924). *Dois Palavras sobre o Jogo do Pau*. Lisboa: J. Rodrigues & Ca.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1984). *Festividades Cíclicas em Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- PORTUGAL. Assembleia da República (2001). *Lei n.º 107/2001*. «Diário da República I Série A». 209 (2001-09-08) 5808-5829. Lei de Bases do Património Cultural.
- PORTUGAL. Ministério da Cultura (2009). *Decreto-Lei n.º 139/2009*. «Diário da República I Série». 113 (2009-06-15) 3647-3653.
- RUSSO, Nuno (1980). *O Jogo do Pau. Intervenção*. «Revista de animação socio-cultural». 14 (jan.-fev.) 8-13.